



Dez anos após *Amoris laetitia*: *anunciar o Evangelho com as famílias hoje*

Encontro do Santo Padre Leão XIV
com os Chefes das Igrejas Orientais
e os Presidentes das Conferências Episcopais
7-14 de outubro de 2026

[Tradução de trabalho. Original: italiano.]

As famílias hoje: realidade, beleza e desafios

*Discernir os sinais dos tempos a partir da experiência das famílias
e do compromisso da Igreja hoje*

Quinta-feira, 8 de outubro de 2026

Prof. Vincenzo Rosito

«Fiéis ao ensinamento de Cristo, olhamos para a realidade da família hoje em toda a sua complexidade, nas suas luzes e nas suas sombras» (AL 32). Esta afirmação de *Amoris laetitia* descreve não apenas a perspectiva da Igreja sobre a família, mas também o modo como as ciências sociais estudam a vida familiar. Eu próprio, enquanto filósofo político e social, procuro estudar a família enquanto realidade complexa, interpretando as conexões entre as luzes e as sombras da vida familiar.

Tanto a família como a Igreja são realidades complexas porque são realidades relacionais. Isto significa que a vida, no interior da família e da Igreja, é feita de relações que definem a identidade de cada um de nós. Através dos vínculos relacionais que construímos com outras pessoas – sejam elas mães, pais, irmãos ou irmãs – tornamo-nos artífices da nossa vida pessoal e, ao mesmo tempo, edificamos a vida institucional da família e da Igreja.

Recentemente, em *Magnifica humanitas*, o Santo Padre recordou-nos as palavras de São Paulo: «Cada um tenha cuidado com o modo como constrói» (MH 229). A importância deste convite aparece muito claramente quando pensamos na família e na Igreja como realidades relacionais. Com efeito, poderíamos recordar uns aos outros: *Cada um tenha cuidado com as relações que constrói no interior da própria família e no interior da Igreja.*

1. Falar de família e de Igreja em conjunto: *Amoris laetitia* à luz de *Gaudium et spes*

Nos últimos dez anos, no espírito de *Amoris laetitia*, apercebemo-nos de que não basta elencar as principais transformações da família contemporânea. É também necessário concentrarmo-nos na relação entre Igreja e família, isto é, nas implicações recíprocas entre as transformações da Igreja e as transformações da família. *Amoris laetitia* explicita claramente esta perspectiva desde o seu início: «A alegria do amor que se vive nas famílias é também a alegria da Igreja» (AL 1). Também do ponto de vista estilístico, estas primeiras linhas de *Amoris laetitia* remetem para as primeiras linhas de *Gaudium et spes*: «As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo». Há, portanto, uma proximidade especular entre o início de *Amoris laetitia* e o prólogo de *Gaudium et spes*.

Cada um de nós pode observar as angústias e as esperanças das famílias a partir do exterior, como se se tratasse de uma realidade que se apresenta diante de nós. Esta atitude pode evocar a imagem do «naufrágio com espectador». Corremos, de facto, o risco de pensar que as transformações antropológico-sociais dizem sempre respeito aos outros. As mudanças antropológico-sociais, pelo contrário, mostram-nos como as próprias igrejas se transformam juntamente com as famílias. A narrativa do naufrágio de Paulo, no capítulo 27 dos Atos dos Apóstolos, sugere-nos a possibilidade de uma perspectiva diferente. Paulo não é o espectador de um naufrágio. Paulo não observa os problemas à distância. Ele próprio é um náufrago que sente a necessidade de se salvar juntamente com a multidão dos seus companheiros. As angústias e as esperanças das multidões são “familiares” à Igreja, são um recurso para a Igreja família de Deus. Por isso, as práticas do *fazer família* hoje interessam às práticas do *ser Igreja*, família de Deus, hoje.

Poderíamos exprimir esta perspectiva também através do princípio de pastoralidade: “Não há anúncio do Evangelho de Deus sem assumir a responsabilidade pelo seu destinatário”. As famílias, enquanto destinatárias do anúncio do Evangelho, já tiveram uma história de amor com Deus; o anúncio do Evangelho já opera nelas. A pastoral é, portanto, um lugar onde a Igreja compreende aquilo que Deus lhe está a dizer através das famílias, para que a própria Igreja possa compreender melhor o Evangelho e o seu anúncio.

Na história recente, para falar da relação entre família e Igreja, recorremos a algumas metáforas; pensemos na imagem “família Igreja doméstica” ou na imagem “Igreja família de Deus”. O uso teológico e pastoral destas *metáforas* poderia hoje ser integrado por um trabalho teológico e pastoral sobre as *práticas*. Com efeito, as práticas familiares ajudam-nos a compreender como as igrejas e as famílias aprendem umas com as outras. Tanto a Igreja como a família aprendem, de facto, também através das práticas da sua vida quotidiana. Tanto as igrejas como as famílias, por exemplo, acolhem e acompanham através de práticas concretas, através de ações habituais e partilhadas, mediante as quais convidamos, convocamos, festejamos ou celebramos.

2. Família e mudanças antropológico-culturais: três perspectivas metodológicas

À luz destas considerações, gostaria de formular três perspectivas metodológicas, úteis também para o discernimento comum destes dias.

Primeira perspectiva: *as mudanças da vida familiar são mudanças sociais*. Enquanto homens e mulheres que têm uma vida familiar, transformamo-nos socialmente, isto é, transformamo-nos todos juntos, fazendo coisas em conjunto. As mudanças antropológico-culturais (AL 32), na perspectiva da vida familiar, não são macrofenómenos que acontecem “acima das nossas cabeças”. São, pelo contrário, mudanças práticas que dizem respeito àquilo que fazemos “com as nossas mãos”, através dos gestos quotidianos. *Amoris Laetitia* nomeia algumas destas mudanças: o individualismo exacerbado (AL 33), a cultura do provisório (AL 39), as migrações e a mobilidade humana (AL 46). Para compreender pastoralmente estas mudanças, é necessário analisá-las do ponto de vista das *práticas familiares*, concentrando-nos, isto é, nas “ações comuns” com que “fazemos família” hoje. Por exemplo, para dois jovens namorados que, por motivos de trabalho, vivem em países diferentes, as videochamadas que fazem todas as noites são uma “prática” fundamental para alimentar a sua relação à distância.

Desta observação nasce uma segunda perspectiva metodológica: *as mudanças antropológico-culturais não são problemas, mas atividades humanas*. *Amoris Laetitia* recorda-nos que as relações familiares,

mesmo quando são difíceis e dolorosas, «não são um problema, são sobretudo uma oportunidade» (AL 7). Todas as famílias têm de gerir mudanças pequenas e grandes. Algumas transformações da vida familiar dependem dos grandes processos de mudança social e podem assumir a forma de decisões sofridas. Contudo, vistas da perspectiva das famílias, as mudanças antropológico-culturais não devem ser consideradas apenas como problemas a enfrentar, mas também como processos concretos nos quais as pessoas e as famílias agem, reagem, aprendem e desenvolvem novos recursos.

A conversão do olhar pastoral sobre a família (AL 199) exige, portanto, que nos esforcemos cada vez mais por identificar, também na vida familiar, não primordialmente problemas, mas atividades humanas. Um meu estudante filipino, ao escrever a sua tese, analisou a definição sociológica de “cultura do desastre” aplicada ao seu país. As Filipinas são frequentemente devastadas por tufões e inundações; estes problemas, porém, fizeram amadurecer uma cultura familiar de solidariedade, típica do povo filipino. As famílias filipinas conhecem muito bem quais são os gestos e os hábitos necessários para se ajudarem reciprocamente perante um problema social como um tufão.

Desta reflexão decorre a terceira premissa metodológica: *as transformações sociais são ocasiões de aprendizagem*. A conversão pastoral exige, antes de mais, uma “disposição para aprender” por parte de todo o povo de Deus, enquanto gere as mudanças antropológico-culturais. Pensemos, por exemplo, em como o uso das novas tecnologias digitais está a transformar os hábitos quotidianos das famílias e da educação dos filhos. Uma renovada consciência pastoral deve estar consciente de que estamos a aprender a fazer coisas novas e de que estamos todos imersos num grande processo de “aprendizagem coletiva”. Poderíamos dizer que as famílias já estão a aprender quando as iniciativas da pastoral se aproximam delas para as acompanhar. É, portanto, necessário escutar as famílias, sabendo, porém, que a escuta é apenas um aspeto de um processo maior de aprendizagem que diz respeito à Igreja enquanto comunidade de discípulos missionários.

Cada um de nós poderia, portanto, perguntar-se, a partir da sua perspectiva específica (como pai, mãe, teólogo ou pastor): *Sou capaz de reconhecer e apresentar aos outros pelo menos uma coisa nova que aprendi a fazer, ou a fazer de modo diferente, nos últimos anos da minha vida familiar ou pastoral?*

3. A fuga para o Egito: famílias e igrejas que aprendem nas transformações

A família e a Igreja aprendem, portanto, juntas nas transformações. Creio que a imagem evangélica da fuga para o Egito de Jesus, José e Maria (Mt 2,13-23) pode ajudar-nos a compreender melhor esta dinâmica. Gostaria de reler esta narrativa detendo-me em três palavras: *mobilidade, violência, sonho*.

A fuga da Sagrada Família de Nazaré é um exemplo de *mobilidade* familiar. A primeira experiência que Jesus faz juntamente com os seus pais é a do migrante. Mal nasce, Jesus torna-se estrangeiro no país do Egito, exatamente como acontece com muitas famílias que deixam os nossos países para se transferirem para outras nações, ou como acontece com muitas famílias que vivem como imigrantes e estrangeiras nas nossas dioceses. Como se reconfigura a Igreja nos contextos em que chegam muitas famílias migrantes? O que está o Senhor a dizer às igrejas, neste momento histórico, através do fenómeno da mobilidade humana, para que possam compreender melhor o Evangelho e o seu anúncio?

A teóloga congoleza Josée Ngalula observa que, para os migrantes que atravessam o Saara africano em direção às costas do mar Mediterrâneo, a presença da Igreja assume a forma das “igrejas

domésticas” – por outras palavras, habitações familiares nas quais os discípulos do Senhor são, antes de mais, aqueles que oferecem água, alimento e repouso a quem está a realizar uma longa viagem.

Hoje, através da experiência das famílias refugiadas e migrantes, algumas comunidades cristãs estão a reconfigurar-se como “igrejas refúgio”. Muitas igrejas sentem, de facto, o chamamento a assumir a forma de uma “casa de hospedagem” ou de uma “casa de família”. Seria belo se, nestes dias de trabalho partilhado, as igrejas que já vivem experiências deste tipo pudessem pôr em comum os frutos e as dificuldades destas transformações.

A segunda palavra é *violência*. A Sagrada Família tornou-se migrante porque encontrou a violência; foi cercada por autoridades políticas sanguinárias que matam crianças inocentes. A insegurança que provém da violência social e política é uma realidade preocupante que muitas igrejas têm de gerir hoje, na sua vida quotidiana. A guerrilha armada na América Latina, as guerras civis em numerosos países do continente africano, os gangues urbanos em muitas cidades europeias e asiáticas: todos estes fenómenos são um amargo pão quotidiano para as famílias e as igrejas que vivem nestes contextos. A escalada da violência, não apenas na forma global e mediática das guerras internacionais, é um dos principais fatores de transformação da vida eclesial e familiar. O risco de perder a vida devido à incerteza e à instabilidade social está progressivamente a transformar também as relações íntimas. A violência pode devorar também os afetos familiares e as próprias relações eclesiais.

A terceira palavra é *sonho*. Na narrativa da fuga para o Egito, José sonha e imagina novos caminhos de salvação. Em todo o mundo, as famílias e as igrejas já estão a sonhar e a imaginar um mundo melhor. Estes sonhos são feitos de ações concretas e quotidianas, como as dos esposos Lorena Fornasir e Gian Andrea Franchi, que, na cidade italiana de Trieste, cuidam dos pés dos migrantes que percorrem a rota dos Balcãs. Sonhar significa reaprender a fazer algo novo, no sentido de imaginar uma ação inédita, como a pastoral que cuida dos pés das famílias migrantes. Sonhar, imaginar formas novas para a Igreja, significa também renovar aquilo que já fazemos. Imaginar a Igreja significa estar disposto a aprender uns com os outros, enquanto nos transformamos juntos, como igrejas e como famílias. Se, portanto, «o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja» (AL 31), poderíamos colocar-nos esta pergunta: *De que precisamos, nas luzes e nas sombras do presente, para aprender e imaginar novos modos de ser família e novos modos de ser Igreja?*